



A mãe diante do inesperado: a perda do filho – uma discussão fenomenológica

The mother standing the unexpected loss of a child – a phenomenological discussion

Maria G. B. Soares ^{1*}, Ewerton H. B. de Castro ²

¹ Central Estadual de Transplantes, Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, Manaus, Brasil.

² Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil.

RESUMO

Introdução: A experiência da perda de um filho jovem repercute em toda unidade familiar, especialmente, na figura da mãe que não espera lidar com a situação da morte filial. Assim, quando se enfoca a relação mãe-filho, na perspectiva da perda, observa-se a tradução do sofrimento iminente e sentimentos difusos que são vivenciados intensamente em busca da resignificação. **Objetivo:** O presente estudo visa compreender o sentido e significado da perda de um filho pela ótica das mães que vivenciaram o momento do diagnóstico da morte encefálica e autorizaram a doação de órgãos. **Métodos:** A pesquisa é qualitativa com aplicação do método fenomenológico, utilizando como instrumento a entrevista fenomenológica com cinco mães de filhos que estavam na faixa etária entre 10 a 19 anos no período de 2012 a 2013 no estado do Amazonas. **Resultados:** O desvelamento das narrativas indicou o constructo fenomenológico: a morte perpassa o mundo-vivido da mãe, que descreve a dificuldade de lidar com a morte, o momento da confirmação da perda e a experiência do luto, como marcas profundas na trajetória do ser-mãe. Entretanto, emerge na discursividade o viés da doação de órgãos que agrega à mãe a possibilidade de vivenciar o luto não apenas na inexistência do filho, mas estar no lugar da permanência em outro corpo que não está em seu campo de experiência. **Conclusão:** Os resultados apontam para reflexões de novas práticas humanizadas nas unidades de saúde, a fim de amenizar o impacto da comunicação da morte com o estabelecimento de um protocolo para acolhimento familiar como suporte a dor vivenciada para resignificar esse momento de perda.

Palavras-chave: Fenomenologia, mães, luto, doação de órgãos.

ABSTRACT

Introduction: The experience of a young child's loss repercussions on the whole family unit, specially for the mother figure, who does not expect that will have to deal with the death of her offspring. Thus, when the mother-child relationship is focused on the perspective of loss, one can observe the translation of imminent suffering and diffuse feelings that are intensely experienced in the search for re-signification. **Objective:** The present study aims to understand the meaning of the loss of a child from the mother's point of view who experienced the diagnosis of brain death and authorized organ donation. **Methods:** The present study aims to understand the meaning of the loss of a child from the mother's point of view who experienced the diagnosis of brain death and authorized organ donation. **Results:** The unveiling of the phenomenological narrative indicated the phenomenological construct: Death pervades the living-world that describes the difficulty of dealing with death, the moment of confirmation of loss, and the experience of mourning, as profound marks in the trajectory of the being-mother. However, it emerges in the discursiveness through the organ donation view that gives the mother the possibility of mourning the inexistence of the child but also its permanence in a body that is out of her experience range. **Conclusion:** The results point to reflections about new humanized practices in the health units. In order to reduce the impact of death communication with the establishment of a protocol for family care, which serves as a support system for families that experience the pain of loss and for re-signification of the moment of loss.

Keywords: Phenomenology, mothers, mourning, organ donation.

*Autor correspondente (corresponding author): Maria G. B. Soares
Central Estadual de Transplantes, Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, Manaus, Brasil.
Av. Carvalho Leal, Bairro Cachoeirinha, Manaus, Amazonas, Brasil.
CEP 69065-001 Fone: +55 92 3664-2616
e-mail: psygleny@gmail.com
Recebido (received): 10/11/2017 / Aceito (accepted): 24/01/2018

1. INTRODUÇÃO

A perda de um filho jovem repercute em toda a estrutura familiar, em particular na mãe, que não cogita de forma alguma ter que lidar com a situação da morte filial e, por vezes, pode configurar a expressão da dor contínua e não aceitação deste fato da ausência definitiva do ente

em sua vida. Assim, quando se enfoca a díade mãe-filho, na perspectiva da perda, observa-se a transposição do intenso sofrimento e um conjunto de sentimentos que são vivenciados intensamente em busca da resignificação.

Da literatura sobre o luto materno na perspectiva fenomenológica, destaca-se Brice (1991), que discute a

ausência do outro como a representação da perda do sentido do mundo-da-vida e, ao mesmo tempo, a busca de um novo significado com imposição de novas formas de ser-no-mundo, uma vez que as experiências vividas no passado com o filho não podem mais ser vivenciadas e, por conta disso, precisam ser recriadas em novos laços vinculares. Na mesma direção, Martins (2001) descreve que a perda do filho é viver uma promessa que não vai mais se realizar e compara com a perda do futuro que são, para as mães, vividas como detrimento de uma parte sua ou amputação de um pedaço do corpo.

De acordo com Bittencourt (2011), a maioria das pesquisas relacionadas às perdas é especificamente dirigida a investigar a dor emocional dos pais diante da morte de um filho ainda na infância, o que traz elementos para repensar sobre as mães da investigação, no que se refere à situação inesperada da perda do filho ainda jovem e na autorização para a doação de órgãos. Isso representa adentrar nesse campo para resgatar a trajetória dos acontecimentos plenos de sentimentos, emoções e concepções de vida que envolve os sentidos e significados da experiência.

A ideia de morte sempre esteve presente na existência humana e, como esta, diversas concepções associadas a experiências, histórias de vida e vivências de cada indivíduo numa dada cultura. Os significados atribuídos individualmente à morte não são unívocos, uma vez que estão interligados a acontecimentos, idade, experiências familiares diante das perdas, crença religiosa, cultura, convicções e, valores pessoais e sociais (KÓVACS, 2002).

No entanto, é comum a morte ser considerada como última etapa do ciclo vital por ser o fim do organismo (visão biológica), o que fortalece, no imaginário, a sequência evolutiva que os pais partirão antes dos filhos, já que cumpriram as tarefas social e biológica, entretanto, a vida não segue um curso linear e, inesperadamente, pode ocorrer a fatalidade e a ruptura (BITTENCOURT, 2011).

A morte é, em sentido amplo, um fenômeno da vida que se relaciona com um modo de ser correspondente a um ser-no-mundo único e incomparável, influenciando na trajetória do ser-para-o-fim (HEIDEGGER, 2002), portanto, quando se enfoca a relação mãe-filho, a reflexão toma diversos sentidos e significados a investigar sobre as experiências das genitoras diante da perda filial.

O cotidiano nutre o homem de experiências diárias norteadoras de seu trajeto tanto quanto sua imbricação com o mundo. Esta maneira de intervir no seu meio configura sua forma relacional a algo ou a alguém, tornando-o “ser-no-mundo” (FORGHIERI, 2011), de modo que a experiência de ser-mãe é uma adjetivação desta condição estritamente pessoal por se constituir no processo de gestar, cuidar e nutrir vivências com o filho, caracterizando o “mundo-vivido”.

Para Holanda e Bruns (2009), a experiência do mundo-vivido é adquirida de imediato pelo homem e apresenta um sentido próprio, pois está associada diretamente à forma de existir no mundo, portanto é percebida e descrita sem estar impregnada de julgamentos, o que possibilita resgatar o vivido com base no retorno da percepção do imediato e pela memória como ressignificação da vivência presente.

A maternidade tem um simbolismo que unifica, entre si, as mulheres com a exclusividade de viverem o estado da gestação, nascimento e amamentação dos filhos, criando uma esfera emocional de compreensão exclusiva das mães

nesta situação (ALARCÃO, 2008).

A mãe vivencia, ao se deparar com o quadro de finitude - morte encefálica do filho e o rompimento da díade mãe-filho – enveredando por caminhos de sofrimento e novas possibilidades que lhes são apresentadas, no caso investigado, a doação de órgãos, diante da condição clínica incontestável de lesão neurológica irreversível, conforme Schirmer (2006) define como a parada circulatória cerebral ou morte cerebral.

A doação de órgãos é um ato de doar uma parte do corpo uma pessoa que está aguardando na fila de transplante e que necessita dessa concessão para ter uma qualidade de vida e o retorno as suas atividades habituais, o que só é possível a partir da autorização da família para efetivação deste processo. Alencar (2006) afirma que a doação de órgãos é vista em geral, como um ato de solidariedade e amor dos familiares. Entretanto, é uma decisão num momento de extrema dor e angústia motivadas pelo impacto da morte, sentimento de perda e interrupção inesperada de uma trajetória de vida.

Para a mãe, o ato de consentimento da doação de órgãos vem acompanhado de uma carga de sentimentos, que são comuns em relação à perda de uma pessoa significativa em uma situação de morte inesperada (SOARES, 2014), configurando-se, assim, uma experiência estritamente particular e fenomenológica que são vislumbradas nas narrativas.

Os significados vão surgindo através da linguagem, que expressa o modo como às coisas são e como são transmitidas, seja em lugares ou tempos distintos, mas, que têm a dimensão atemporal por carregar emoções e sentimentos do momento de perda. As palavras assumem a corporeidade da experiência que decodifica a apreensão de mundo pautado na vivência (SOKOLOWSKI, 2012).

A certeza da morte permite vivenciar o luto que se constitui um processo de reorganização da perda, oportuniza o entendimento do que é real e possibilita o estabelecimento de novas concepções sobre o mundo. É a abertura de um espaço para expressividade de sentimentos decorrentes da perda, constituindo um conjunto de reações e reestruturações na unidade familiar (BITTENCOURT, 2011).

A morte de um filho não é somente a morte de um corpo ou um ser particular, mas a morte de um mundo co-constituído que incorpora de formas múltiplas esta vivência (BRICE, 2013). A mãe enlutada é forçada a viver num mundo que não inclui a presença viva de seu filho, mas com a possibilidade de novos sentidos e significados a experiência da perda filial.

Neste sentido, o artigo reporta-se à compreensão do sentido e significado do processo da perda de um filho na perspectiva das mães, que simultaneamente receberam o diagnóstico de morte encefálica e autorizaram a doação de órgãos; experiência esta que traz referências particulares de sua vivência de emoções e sentimentos que são descritos em seus discursos de forma fenomenológica.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A Fenomenologia se aplica ao mundo dos significados, que se caracterizam pelos eventos que tangenciam as experiências do mundo. A pesquisa fenomenológica é uma reflexão sobre o mundo da vida que pressupõe um mundo exterior do qual se está ciente e que é revelado pela consciência. O fenômeno em si é, de fato, um fenômeno para

o ser que lhe dá um significado (MARTINS E BICUDO, 2005).

A pesquisa ora tratada foi realizada sob a perspectiva qualitativa, que propõe compreender os sentidos e os significados das experiências das mães que perderam filhos em idade jovem, com a utilização do Método Fenomenológico da Pesquisa em Psicologia. Partindo dos discursos das colaboradoras da pesquisa, foram constituindo as descrições fenomenológicas a respeito de sua experiência de perda e doação de órgãos. O instrumento utilizado foi a entrevista fenomenológica, a fim de buscar junto às mães o desvelamento dessa vivência para compreender o fenômeno a partir de uma questão norteadora sobre o momento da comunicação do óbito do filho. Diante das afirmações significativas das colaboradoras, foram sintetizadas em um constructo fenomenológico com as suas categorias temáticas que descrevem as vivências das mães participantes da pesquisa.

As colaboradoras da pesquisa foram cinco (05) mães de doadores de órgãos, localizadas nos registros da Central de Transplantes do Amazonas. Os critérios de inclusão utilizados foram: mães que perderam filhos na faixa etária entre 10 a 19 anos de idade; mães de filhos com o diagnóstico de morte encefálica e que autorizaram a doação de órgãos; e mães que assinaram o termo de autorização de órgãos no período de 2012 a 2013 no estado do Amazonas.

As entrevistas fenomenológicas das mães colaboradoras foram analisadas conforme é proposto por Martins e Bicudo (2005), com a finalidade de discriminação das Unidades de Significados e transformando em proposições consistentes referentes à experiência para constituição das categorias temáticas que apresentam o desvelar dos sentidos e significados que se foram constituindo nos discursos que resgatam a trajetória das incertezas sobre a morte, momento da perda e estabelecimento do luto. Tais descrições contêm o resgate do mundo-vivido que temporalizam presente e passado para confrontar o paradoxo da morte/continuidade.

As mães colaboradoras foram orientadas sobre o objetivo da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme as exigências da Resolução 466/12-CNS-MS e doravante identificadas com as denominações de elementos da natureza: Brisa, Orvalho, Raio de Sol, Neblina e Luz. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas.

3. RESULTADOS

A análise dos discursos das mães oportuniza, com ênfase no caráter fenomênico, a (re) constituição da trajetória existencial com seus impasses e possibilidades que foram experienciados fenomenologicamente. A perda do filho pressupõe um universo de imbricações que dão sentidos e significados as vivências do ser-no-mundo que foram se desvelando nas narrativas e configurando como Constructo Fenomenológico - a morte perpassa o mundo-vivido - e as categorias temáticas: I. Dificuldade de lidar com a morte, II. A vida toma outra conotação: a perda é consumada e III. A experiência do luto, que serão discutidas a seguir:

3.1. A Morte Perpassa o Mundo-Vivido

O mundo vivido é constituído da experiência humana, na sua globalidade, que se constitui das situações do existir e das possibilidades que dão atenção à corporeidade e

à intersubjetividade como parte fundamental do ser-no-mundo. Um dos conceitos elaborados especificamente por Heidegger (2002) diz respeito à concepção do homem enquanto ser-no-mundo, entendendo-se que o homem não está dissociado do mundo, enquanto ser, já que ele pertence a esse mundo que, ao interpretá-lo, ele – o homem – está aí, nesse mundo.

Da mesma forma, as mães vão construindo vivências em sua relação com a família na presença de sua prole, como parte da história materna, e aglutina sentidos e significados distintos a cada momento vivenciado, mas que se resguarda do inevitável, especialmente quando se trata da morte e como ela adentra à cotidianidade da relação mãe-filho que será apresentado a seguir:

I. Dificuldade de Lidar com a Morte

A morte é um evento universal que ainda é encarado como um mistério com uma simbologia de imprevisibilidade na trajetória, por gerar medo do desconhecido e a imponderabilidade em falar, pensar e ter uma ação. O que dá um sentido à existência, pelo momento, pela circunstância, pela causa, pelo determinante que confere à morte, que chega, para a mãe, sem um aviso prévio quando se trata do seu filho (ALENCAR, LACERDA E CENTA, 2005).

A circunstancialidade que está em volta da morte, traz consigo a revivescência do medo, perda do controle da situação e a não aceitação da realidade que se traduz em dor emocional da suposta perda. É ficar no espaço da indefinição do que está acontecendo neste dado momento e negar-se a acreditar na experiência do findar da vida prematura do filho. A morte remete a não existência do corpo-vivido que era compartilhado no laço materno e a ser substituído pelo sentimento de tristeza.

“Eu não lembro bem [...] ela estava na minha frente (filha-doadora), o meu esposo do lado do meu filho. De repente, uma gritaria e tiros. Foi quando escutei o barulho bem ao meu lado e ela caiu e eu gritei, gritei [...] chamaram o SAMU era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, ir para o hospital e todo mundo perguntando. Eu acho que estava fora de mim. Eu não queria aceitar que estava acontecendo e sofria muito, me deram remédio para aguentar; difícil [...] muito difícil [...]. [...] Eu não sei explicar direito porque eu fico em choque, eu sinto uma dor, que eu não sei, não tenho palavras para definir assim sobre este assunto” (a morte da filha) [...] (Neblina).

A morte é um termo que assume o lugar interdito e não vivido na trajetória de vida, tem o sentido inicial de impacto e tragédia nas vidas das mães. Muitas vezes, as palavras não codificam o sentimento profundo de se confrontarem com esta experiência. As mães ocupam, diante da perda do filho, de forma transitória, um lugar da reflexão particular para diminuir o seu sofrimento e, de alguma forma, postergarem a chegada da morte (...) *“foi quando eu saí pra fora desesperada e aí algumas coisas eu me lembro e algumas mais não. Porque eles me doparam entendeu?”* (...) (Brisa).

A morte de um filho independente da idade. Pode ser uma das perdas mais devastadoras da vida e seu impacto pode permanecer por anos que não tem uma explicação racional por ser factual (WORDEN, 1998). Mas, lidar com a perda é algo que não é fácil. É ficar em constante embate com os sentimentos manifestos e tentativas de aceitar o que aconteceu com seu filho e, sobretudo, que ele não vai fazer

mais parte de sua existência, “algo assim inexplicável” [...] “É inexplicável isso [...] inexplicável porque é difícil pensar que o seu filho está aqui morto” (Luz). E isto remonta à vivência de um mundo humano deficitário, o ser-com deixa de existir na díade mãe-filho (HEIDEGGER, 2002).

Para a mãe, a morte de um filho é um evento inaceitável e, por conta disso, torna-se difícil relatar essa experiência e encontrar palavras que possam descrever o conjunto de emoções dolorosas. É vivenciar o que Heidegger (2002) expõe como a certeza da morte e que, no entanto não se “está” propriamente certo dela, que na oportuna cotidianidade da presença conhece como realística, mas escapa do “estar-certo”, por atestar fenomenalmente como a possibilidade mais própria, irremissível e insuportável de enfrentar.

II. A Vida Toma Outra Conotação: a Perda é Consumada

A mãe aguarda, diante da angústia de vivenciar seu filho em estado grave, que os cuidados disponibilizados no hospital possam restaurar a saúde e devolvê-lo ao seio familiar. Entretanto, adverso ao que aguardavam de forma esperançosa e almejavam realizar junto com seu filho, já não é mais possível, porque ocorre o corte súbito na vida que é recebido com uma dor intensa e que não tem como negar essa realidade. Para Sales e Santos (2011) é vivenciar no cotidiano a “experiência dita irrealizável”, que não se imagina para as pessoas que estão no campo do afeto parental.

“Foi com muita dor que recebi a confirmação (o diagnóstico de Morte Encefálica), mas eu queria de alguma forma que fosse diferente, porque era muito desespero [...] dói muito e eu não queria lembrar que tava passando por isso” (Neblina).

A cotidianidade da mãe era vivenciada dentro do previsível mas, de repente, “está-aí” no inesperado da morte do filho, que a lança em uma experiência atemporal por conta da brevidade com que adentra e toma a urgência corpórea na rotina de cada mãe. Merleau-Ponty (2011) descreve como sendo o “mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não possuo, ele é inesgotável”. Aspecto este mostrado na fala a seguir:

“E segundos depois meu filho desmaiado e eu fico assim: Meu Deus! o único desmaio que meu filho teve foi fatal (...) eu somente dei conta da perda do meu filho após a confirmação da Morte Encefálica e fui ao cartório. Um momento de desespero e minha amiga ficou ao meu lado, eu estava com toda a documentação e tinha que declarar o nome dele foi um momento muito difícil [...] Eu acho que foi o momento mais difícil da minha vida, ter que fazer aquele registro no cartório a certidão de óbito” (Raio de Sol).

A mãe tem a experiência do sentimento de medo da concretização da perda que traduz, para Sales e Santos (2011), um significado existencial e temporal que dão a este evento, como forma de continuar no esquecimento de si mesmo, proporcionando o afastamento do Ser-aí do Poder-ser para não reconhecer o mundo circundante que distancia do Ser-existir. À medida que vai se aproximando do presságio, torna-se inevitável o deixar de Existir-no-mundo e também de sentir essa experiência como um Ser-no-mundo, como é ilustrado (...) “aquilo acabou comigo (o diagnóstico de Morte Encefálica); eu já tinha certeza que meu pensamento era positivo que [...] eu tinha perdido a minha filha” [...] (Brisa).

É algo que não se pode negar: a morte é uma possibilidade da impossibilidade da existência, entre outras, mas simula a probabilidade extrema do Ser-aí. Logo, “a morte é a possibilidade mais própria, absoluta, certa e como tal indeterminada, inultrapassável do Ser-aí” (SALES E SANTOS, 2011). Para as mães, apresenta um peculiar significado existencial que habita na sua experiência de Ser-no-mundo de suas aspirações na relação mãe-filho. Nesse momento, o mundo idealizado para este filho e com este filho deixa de se apresentar como possibilidade.

III. A Experiência do Luto

A ausência do filho no plano físico, emocional e social da vida da mãe é realidade que adentra sua cotidianidade e deixa um vazio que aos poucos é preenchido pelo luto como condição para lembranças, memórias e saudades de um corpo-vivido. As projeções existenciais do presente e futuro são suspensas, de forma abrupta, mesmo diante de novos eventos de natureza extraordinária ainda sem a devida permissão de vivenciar outra experiência de Ser-aí.

“Eu quando perdi minha filha, eu não sabia que tava no início da minha gravidez, eu não conseguia ficar feliz toda, porque a falta dela era grande e eu não estava colocando outro filho no lugar da minha filha (filha falecida). Eu não podia engravidar e Deus me deu esse presente, era tudo o que eu queria, mas eu tava muito triste por conta da saudade, (...) foi um momento muito difícil, mas não esquecia da minha filha querida” (Neblina).

A mãe enlutada continua vivendo num mundo que não inclui a presença viva de seu filho ou possibilidade dela. Na sua experiência anterior era o mundo-vivido pela possibilidade da presença do seu filho e que no momento vivencia a angústia da limitação da impossibilidade de tê-lo. “Hoje eu já escuto na TV e fico olhando o que as pessoas falam o que melhora na vida de quem recebe (receptor), mas, eu não gosto de falar sobre isso, porque me lembra da minha filha e isso ainda me dá tristeza que não passa, mesmo sabendo que ajudou as pessoas” (Orvalho).

Em meio à ausência, a saudade circunda a rotina da mãe e a impulsiona para um labirinto com uma única saída: buscar na presentificação da filha e amenizar seu sofrimento é uma resposta à ruptura do vínculo. Mesmo tendo experimentado em outro momento de sua vida, é muito difícil passar pela experiência novamente, porque a perda de um filho não habilita a mãe se preparar para outro suposto luto, mas a única realidade que é uma dor muito particular que caracteriza o desfecho final do laço filial.

“Ela é muito presente na minha vida, pra falar a verdade eu já perdi dois filhos, e meus dois filhos eu senti assim, mas, com o pouco, eu fui me acostumando e ela não... Já tá com mais de um ano e não consigo esquecer de minha filha de jeito nenhum pra mim eu digo que ela tá do meu lado, todo tempo ela tá do meu lado” (Brisa).

A mãe depara-se, vivenciando o momento do luto, com o profissional que informa sobre a possibilidade da doação e órgãos e lhe conduz ao sistema de referência particular norteador de sua essência maternal, tangenciado de valores moral, afetivo e religioso. A discussão perpassa a concepção do corpo enquanto unidade inviolável que deve ser mantida, de forma íntegra, por agregar uma memória de laços afetivos e a crença religiosa na restituição da vida. Freitas (2011) coloca que o corpo é entendido como o ponto de vista do sujeito sobre o mundo, o seu espaço expressivo, o seu

veículo com o mundo, o nó entre a essência e a existência. “(...) *“chega alguém e cortar tua filha e tirar; mexer no corpo, fiquei com medo que ficasse diferente, foi o que eu imaginei tirar tudo, por isso pedi um tempo para pensar pra mim tomar uma decisão”* (Neblina).

A doação de órgãos para a mãe é uma experiência que adentrou sua vida de forma repentina e inesperada, contrapondo o conhecimento construído em seu cotidiano. Entrar em contato com essa realidade é abrir espaço para escutar e ser escutada por uma equipe de saúde que comunica novas possibilidades e a quebra de paradigmas para a vida. Segundo Sales e Santos (2011), o Ser-aí em sua transcendência, apresenta atitudes de apropriar-se do mundo em seu entorno, que ao transcender sua própria dor, o Dasein passa a viver de forma autêntica a realidade, tornando-se um ser-de-pré-ocupação consigo e com o outro.

(...) *“É claro que antes eu achava que para doação de órgãos tirava de qualquer jeito, como as pessoas diziam e descobri que não conhecia mesmo, a equipe me explicou e disseram que meu filho estava em morte cerebral e que isso era que levava a ele a ser doador; precisou acontecer com meu filho pra entender. Eu tinha esse tabu e quebrei esse tabu que hoje eu já vejo de outra forma agora”* (Luz).

Nos discursos das mães percebe-se que há o desejo de ter informações sobre o receptor ou de um possível contato, para selar que seu filho continue de alguma forma presente. Reis (2011) entende que o ser-no-mundo se insere por essas relações com o outro, que são mediadas pelo campo perceptual e concebe um novo sentido a experiência. O encontro com o receptor é a certeza da presença do filho, que pode ressurgir do anonimato e tornar público no seu campo de visão e afeto.

(...) *“Esse é mais forte pra mim, é muito mais forte porque eu tenho a impressão que um dia eu não sei, ainda vou ver essas duas pessoas que receberam, ainda vou ver eu queria só mesmo saber é em ter notícias que eles estão bem e estão vivendo vem com o pedacinho que resta do meu filho”* (Luz).

O luto para as mães é uma experiência que permite o envolvimento com seu filho que reflete, em muitos momentos, um sentimento paradoxal de superar a morte ou reter a proximidade com ele (BRICE, 2013). Para Merleau-Ponty apud Paula (2005), o processo do luto desencadeia uma dor que é vivenciada, de forma intensa, na expressão corpórea externa, mas que registra a perda, em suas diversas formas, que fica registrada no corpo mediante o toque, sua presença e a possibilidade de rever o mundo-vivido, ao mesmo tempo em que transita pela doação dos órgãos do filho de forma factual e decisória em sua trajetória de desenlace filial.

4. DISCUSSÃO

As mães apresentam em sua discursividade questões referentes a sua vivência, ao desvelarem o momento da facticidade da perda do filho e suas imbricações na existencialidade: dificuldade de lidar com a morte, o momento da confirmação da perda e a experiência do luto – doação de órgãos que constituem a trajetória fenomenológica do ser-mãe.

A diáde mãe-filho é interrompida de forma brusca e inesperada com a notícia da perda, que afeta emocionalmente o seu mundo-vivido com a mudança profunda e, ao mesmo tempo, o impacto da tomada da decisão sobre a doação de órgãos. A facticidade é vivenciada em sua dimensão

fenomenológica da surpresa à abruptidão que faz com que a mãe transite do seu modo ser-em para vivenciar a perda.

As relações estabelecidas entre mãe e filho provenientes de afeto e cuidado, são ameaçadas pela morte que marca a finitude do ser-biológico e de extinguir a presença de sua prole. O mundo materno estremece e dá vazão à expressão das emoções de sofrimento do corpo-vivido e, em meio à circunstancialidade, faz tentativas de recuar da possibilidade irremissível que é a morte de um filho.

O afastamento do ser-aí acontece como forma de afastamento do ser-existir para postergar a dor, mas, indubitavelmente, a certeza do mundo idealizado para o filho não existe mais com a notícia do óbito. A ausência do filho toma o espaço, a temporalidade e a existência, sendo vivenciada a angústia da certeza de não tê-lo em sua cotidianidade. O luto se estabelece como um paradoxo da possibilidade de reter a existência mediante as lembranças ou para superar a morte e dar continuidade ao existir. Entretanto, percebe-se que permanece o filho na expressão da angústia como experiência de sua mãe enlutada.

A morte inesperada do filho é, para a mãe, uma perda prematura de alguém com quem se tem fortes laços afetivos e vinculares, configurando a experiência do rompimento abrupto no sistema de cuidado materno que reflete na competência, função de proteger a sua prole e potencializa vários sentimentos de incompletude e saudade.

A experiência da doação de órgãos nos discursos das mães é revelativo da sua sobrecarga emocional e o exercício da manutenção da existência filial pela solidariedade do ato de permitir a continuidade terapêutica para outra pessoa, desconhecida, que vivencia uma dor diferenciada da sua como parte de cotidiano singular.

O ser-mãe constitui-se em nova trajetória para a vida, propiciando diminuir a constância do sentimento de tristeza com a valorização do ato de solidariedade no processo da doação de órgãos. Outro aspecto que se soma é o restabelecimento do conforto da perda filial com a possibilidade de encontrar os receptores dos órgãos dos seus filhos para amenizar o sofrimento e esperança da permanência fora do alcance do seu campo de experiência maternal.

5. CONCLUSÃO

A escuta dos discursos das mães está relacionado à Psicologia Fenomenológico-Existencial e contribui para um novo embate em particularizar a análise e resgatar especificidades da vivência humana, levando à essência do fenômeno que se perde em meio ao processo de hospitalização de urgência e morte filial.

A pesquisa possibilitou problematizar a experiência das mães em desvelar os sentimentos vivenciados em seu cotidiano de luto. A temporalidade se encarrega de amenizar o que é sentido e percebido em seu mundo-vivido. A ausência do filho é preenchida ora pelo sofrimento silencioso ora pelas possibilidades de conhecer o receptor dos órgãos do filho.

O sentimento de mãe pressupõe embarcar na existência que envolve o cuidado e a preocupação para o bem-estar dos filhos. O ser-mãe é tomar para si a responsabilidade maior de se certificar quanto ao bem-estar da prole, acima de qualquer medida tomada. Isso fica claro, nos relatos e a revivescência de como se sentiam bem, realizando o seu fazer maternal e de repente se encontravam no “vazio existencial”.

O existir sofre transformações, pois, a partir do momento do óbito, é estar neste mundo e vivenciar a cotidianidade sem a presença do filho, o que lança essas mães ao encontro de possibilidades que possam restituir o que não pode se recuperar no seu meio – o filho; é criar expectativas de encontrar o que está materializado em outro (receptor), não apenas uma parte do filho mas, a sua essência e referência para o conforto de sua perda.

As mães, em sua trajetória de perda filial, experimentam a ausência definitiva e o lugar corpóreo da não-presença. No entanto, a existência do viés da doação de órgãos agrega à mãe a possibilidade de vivenciar o luto não apenas na percepção da inexistência corpórea do filho, mas estar no lugar de dor fenomenológica que revisita as lembranças (i)materiais e, sobretudo, na existência e permanência em outro corpo (receptor) que não está em seu campo de experiências. Isso contribui com reflexões para novas práticas humanizadas na saúde, a fim de amenizar o impacto da comunicação da morte, com uma equipe de saúde que promova o espaço de acolhimento familiar com o estabelecimento de um protocolo como suporte a dor vivenciada e condições humanizadas para ressignificar esse momento de perda.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não existe qualquer conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

- Alencar, S. C. S. (2006). Doação de órgãos e tecidos: a vivência dos familiares de crianças e adolescentes doadores. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Alencar, S. S. C. Lacerda, M. R. e Centa, M. L. (2005, maio/agosto). Finitude humana e enfermagem: reflexões sobre o (des)cuidado integral e humanizado ao paciente e seus familiares durante o processo de morrer. *Revista família, saúde e desenvolvimento*. Curitiba. v. 7, nº 2, 171-180.
- Almeida, E. J. Haas, E. I. e Santos, S. G. (2011). Padrões especiais de luto em mães que perderam filhos por morte súbita. *Revista de psicologia da IMED*. São Paulo. v. 3, 607-616.
- Angerami-camon, V. A. (org.). 2003. *Psicologia fenomenológico-existencial*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Barbosa, C. G. (2011). Morte, família e a compreensão fenomenológica: revisão sistemática de literatura. *Psicologia em revista*. V. 17, n. 03, p. 363-377. Recuperado em 12 de dezembro, 2013, do SciELO (Scientific Electronic Livrary Online): www.scielo.br
- Bianchi, E. R. (2010). Estressores vivenciados pelos familiares no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. *Revista da Escola de Enfermagem*. USP. 44(4), 996-1002.
- Bittencourt, A. L. P. (2011, outubro/dezembro). A perda do filho: luto e doação de órgãos. *Estudos de Psicologia*. Campinas: 28(4), Recuperado em: 12 de dezembro, 2013, do SciELO (Scientific Electronic Livrary Online): www.scielo.br
- Bousso, R. S. (2008). O processo de decisão familiar na doação de órgãos do filho: uma teoria substantiva. *Contexto enfermagem*. 17(1): Recuperado em: 10 de março, 2013, do SciELO (Scientific Electronic Livrary Online): www.scielo.br
- Brice, C. W. (2013). O que significa para sempre: uma investigação existencial-empírico-fenomenológica do luto materno. Versão eletrônica. Disponível em: <<http://www.ifen.com.br/artigos/traducao03.pdf>>. Acessado em: 10/03/2017.
- Forghieri, Y. C. (2004). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Frankl, V. E. (2003) *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. Trad. Alípio Maia de Castro – 4. ed. – São Paulo: Quadrante.
- Freitas, J. L. (2010). *Experiência de adoecimento e morte: diálogos entre a pesquisa e a gestalt-terapia*. Curitiba: Juruá.
- Freitas, J. L. e Michel, L. H. F. (2014). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Revista Psicologia em Estudo*, 2014; v-19, n. 2, p. 273-283, ab/jun. Acessado em: 10/05/2017.
- Heidegger, M. (2002). *Ser e Tempo*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Lahr, R. D. D. (2000). Transcendência e espiritualidade do homem. In: Urban, C. A. (Org.). *Bioética clínica*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Martins, G. (2001). *Laços atados: a morte do jovem no discurso materno*. Curitiba: Moinho do Verbo.
- Martins, J. e Bicudo, M. A. V. (2005). *A pesquisa qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos*. 5.ed. São Paulo: Moraes.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Afonso.
- Nóbrega, T. P. (2008). Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de psicologia*, 13(2). SciELO (Scientific Electronic Livrary Online): www.scielo.br. Acessado em: 10 de março, 2017.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta* (M. H. P. Francos, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicada em 1972).
- Paula, A. B. (2010). Luto e existência: aproximações entre método fenomenológico e práxis religiosa. *Revista Caminhando*, 11, 102-112. <https://www.metodista.br/ppc/caminhando>. Acessado em 10 de outubro de 2017,
- Reis, A. C. (2011). A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. *Revista Vivência*. n. 37. Acessado em 29 de abril, 2017.
- Sadala, M. L. A. (2004). A experiência de doar órgãos na visão dos familiares de doadores. *J. Brás Nefrol*, 23(3). Acessado em 27 de janeiro, 2017.
- Sales, C. A. e Santos, E. M. (2011). Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto contexto de enfermagem*. Florianópolis. nº 20, 214-222. Acessado em 29 de Maio de 2017.
- Santos, M. J e Massarollo. (2005). Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres. *Ver. Latino-americana de enfermagem*. 13(3); 382-387. Acessado em 2 de janeiro de 2017.
- Soares, M. G. B. (2014). *E meu filho permanece: sentidos e significados do processo da doação de órgãos na perspectiva das mães de doadores*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Worden, W. J. (1998). *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.